

SINERGIAS PARA A GESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS: Uma Análise a Partir da Contribuição de Estudantes do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia^Σ

Cristiano Silva Cardoso
Rita de Cássia Oliveira Pedreira^Ω

RESUMO: *As mazelas sócio-ambientais emergem como uma das principais prioridades da contemporaneidade e há muito têm ultrapassado as lógicas e ações características pela simples apologia ao verde. O presente artigo aborda de forma sucinta a experiência vivenciada por estudantes do curso de museologia da Universidade Federal da Bahia nestas reflexões, direcionando um debate sobre a prática interdisciplinar no tocante às referidas questões, no âmbito da Universidade Federal da Bahia, em diferentes contextos têm se adotado, diante da temática ambiental, uma postura pró-ativa que influencia no desenvolvimento de rumos de conhecimentos, considerando não apenas componentes curriculares específicos, mas a articulação direta com a sociedade na colaboração diagnóstica e soluções sustentáveis entre o ensino, a pesquisa e a extensão.*

Palavras-Chave: Biomuseologia; Gestão Social; Resíduos sólidos e orgânicos; Preservação.

INTRODUÇÃO

A questão ambiental emerge como uma das principais prioridades da sociedade contemporânea e há muito tem ultrapassado as lógicas e ações características pela simples apologia ao verde, para a adoção de posturas individuais e coletivas de preservação sócio-ambiental efetivas. Processos que vêm sendo construídos ao longo de marcos como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, ocorrida em Estocolmo, 1972; a 1ª Conferência Intergovernamental em Tbilisi, que aconteceu no ano de 1977; a criação da Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1983, pela ONU; a ECO 92, Conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro e que elaborou a agenda 21; a Declaração de Kyoto em 1993; também a Conferência Rio + 10 em Johannesburgo na África do Sul; e, ainda mais recentemente, o Fórum Social Mundial. Convenções que sabidamente rompem fronteiras em nome da chamada ordem ambiental internacional.

Todavia, as conseqüências negativas do processo de mundialização e globalização fazem-se cada vez mais presentes nos espaços sociais, exacerbando velhos estigmas como a degradação ambiental, o desemprego, a exclusão, a fome e a violência em suas mais variadas formas. Dados do IBGE apontam que em 1940 tínhamos no Brasil 31,2 % da população nos centros urbanos e 68,8 % ocupando o meio rural. Em 1970, a população residente em áreas urbanas era de 55%, e em 1985, era de 72,01 %. Hoje temos uma população urbana de mais de 80%, segundo o Censo no ano de 2000. População que tem migrado em busca de oportunidades de ocupação e renda, e acabam por engrossar as estatísticas da exclusão nas grandes cidades brasileiras. Em artigo publicado no Boletim Regional (Informativo da Política Nacional de Desenvolvimento Regional, do governo federal) sob título de “As desigualdades regionais de renda diminuiram?”, Elmar Matos, afirma através de dados estatísticos que as desigual

^Σ Texto vencedor do 1º Concurso de Artigos Acadêmicos 2007 promovido pelo PANGEA (Centro de Estudos Socioambientais) categoria: Ciências Humanas;

^Ω Alunos reingressos para conclusão de segunda habilitação (Museus de História) no Curso de Museologia da Universidade Federal das Bahia - UFBA.

distribuições de renda no país são um dos seus problemas estruturais mais graves, seja a nível pessoal, funcional ou regional. O Nordeste possui níveis baixos sobre o índice de renda média brasileiro por habitante (50%). Quadro que deriva ainda segundo o autor...

“...das diferentes economias regionais, da ausência de políticas redistributivas, de atividades e renda mais abrangentes, de políticas sociais ineficientes, da reprodução permanente de sua estrutura fundiária, e ainda da estrutura tributária nacional” (MATOS, 2006).

O movimento ambientalista apoiado pela ciência tem sido pioneiro no alerta sobre riscos e incertezas futuras, resultado direto de fatores como a produção industrial, a crescente geração de resíduos, o efeito estufa, o crescimento populacional, entre outros fatores. O presente artigo aborda de forma sucinta a experiência vivenciada por estudantes do curso de museologia da Universidade Federal da Bahia nestas reflexões, direcionando um debate sobre a prática interdisciplinar no tocante às questões sócio-ambientais.

O PAPEL E A CONTRIBUIÇÃO UNIVERSITÁRIA

A universidade brasileira neste momento histórico assume um lugar privilegiado para a construção do conhecimento e na formação de componentes inovadores com vistas a formas mais eficazes de intervenção na realidade social ao unir teoria e prática. No âmbito da Universidade Federal da Bahia, em diferentes contextos tem se adotado, diante da temática ambiental, uma postura pró-ativa que influencia no desenvolvimento de rumos de conhecimentos, considerando não apenas componentes curriculares específicos, mas a articulação direta com a sociedade na colaboração diagnóstica e soluções sustentáveis entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

A Museologia é uma área do conhecimento voltada à preservação dos patrimônios materiais e imateriais da parca universalidade, no entanto é de conhecimento de todos que a grande maioria dos Museus – com exceções indiscutíveis – possui um caráter de *souvenir*, marcado pela idéia de prestígio e com um complexo que poderíamos chamar de faraônico. A Declaração de Quebec em 1984 e o ICOM (Conselho Internacional de Museus) em 1989 ratificam que, respectivamente,

“A Museologia deve procurar, num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que estes objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico”;

“...o Museu deveria passar a ser visto não como simples depositário de objetos, mas, como uma instituição permanente, sem fins lucrativos a serviço da sociedade, que adquire, conserva, comunica e apresenta com fins de estudo, educação e deleite testemunhos do homem e seu meio”.

A partir destes eventos, vertentes museológicas inovadoras multiplicaram-se em função da necessidade de um fazer museal participativo e comunitário. Documentos como a Mesa Redonda de Santiago no Chile (1972), a Declaração de Caracas (1986) e, recentemente, o Fórum Social Mundial em Porto Alegre (2003), legitimam um deslocamento perceptivo ao sócio-

econômico-ambiental. Deste modo, a compreensão de como o Ser Humano se relaciona com seu entorno terá que fazer parte da *praxis* e da atuação do profissional qualificado.

Acreditamos que o papel da Museologia na contemporaneidade perpassa a salvaguarda do patrimônio em sua totalidade, utilizando a informação como instrumento para orientar e preservar os bens materiais e imateriais dos ambientes no cotidiano, ratificando que não se pode falar do tema Ambiente – complexo e indivisível – sem aprofundar-se no cerne multifacetado que engloba as suas diversas redes e relações, sejam elas: econômicas, políticas, sociais ou administrativas (FRITJOF, 1982). Portanto, educar, documentar e expor são mecanismos essenciais nas reflexões acerca da **preservação** do presente, passado e futuro, partindo da sincronia à diacronia ou vice-versa¹.

Em nossa trajetória como alunos, os desejos de uma capacitação interdisciplinar sobre a preservação do patrimônio ambiental, que não é oferecida pelo curso até então, foram alcançados por meio da incursão em disciplinas eletivas e optativas de diferentes áreas do conhecimento, a exemplo de educação ambiental, conforto ambiental, direito ambiental, poluição ambiental, sociologia rural, antropologia urbana, identidade e territorialidade, gestão e desenvolvimento sustentável, evolução e organização do espaço da cidade do Salvador, dentre outras. Motes que possibilitaram a visualização de tendências e interesses múltiplos relacionados ao fenômeno do patrimônio sócio-ambiental. Já a possibilidade de participação em experiências de pesquisa e extensão distante dos “*luxuosos gabinetes de artes e história dos vencedores*” materializou práticas, conceitos e análises críticas que auxiliaram na construção de instrumentos, processos e conseqüentes resultados. Vale o destaque a duas experiências específicas, realizadas no espaço (rural e urbano) do estado, abordando a questão dos resíduos sólidos, seu reaproveitamento e a importância que estas tiveram no posicionamento de nossa atuação.

OS RESÍDUOS SÓLIDOS E ORGÂNICOS: De problemas a oportunidade de sustentabilidade

As cidades de grande e médio porte atraem um contingente cada vez maior de trabalhadores pela circulação de capitais em setores como o de serviços e produção. Entretanto, apenas uma parcela desta mão-de-obra consegue ser absorvida formalmente, o restante torna-se força de trabalho em reserva e tem que se desdobrar para assegurar o sustento familiar. Estes espaços caracterizam-se pelo consumo ilimitado e trazem como conseqüência direta a produção de resíduos em escalas cada vez mais elevadas.

Segundo Souza (2002) geramos individualmente mais de 1 k de lixo por dia. O redirecionamento de elementos que ainda não concluíram seu ciclo ambiental de vida ao processo produtivo diminui consideravelmente os volumes destinados aos aterros e lixões, tornando-se ainda, uma oportunidade de renda a personagens que congregam em sua essência uma confusa identidade social condicionada culturalmente pela imagem negativa associada ao lixo, ao tempo que desenvolvem uma ação de grande relevância e sustentabilidade ambiental.

Não obstante, Nunesmaia (1997) enfatiza que a coleta seletiva é um instrumento que integra o gerenciamento de resíduos sólidos, prevê a destinação final do lixo e a realização de

¹ Para saber mais consultar: CARDOSO, C. S.; PEDREIRA, R.C.O. Gestão de Novas Tecnologias Educacionais Voltadas à Preservação do Patrimônio Local. In: Revista Bahia Análise e Dados SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. (ISSN 01038117) VI 04 n 14 (819-829), Salvador 2005; CARDOSO, C.S.; PEDREIRA, R.C.O. Pautas para a Sustentabilidade do Patrimônio Local: Tendências e Tecnologias de base-logística Museológica. X Colóquio Internacional sobre Poder Local. NEPOL - Núcleo de Estudos sobre Poder Local / Escola de Administração UFBA Salvador 2006.

um programa de Educação Ambiental como suporte, sendo imprescindível que este seja norteado por uma visão holística e não por alguma forma de “adestramento” refletindo sobre os métodos aplicados e seus resultados. Lima (2002) salienta, ainda, que “quanto mais desenvolvida uma comunidade, maior sua produção de resíduos, maior o risco de degradação e impactos ambientais”, configurações que geralmente criam grandes “estragos” sócioeconômicos nas popularidades.

Enfim, a investigação destas realidades foram, aqui, permeadas no âmbito dos programas de pesquisa e extensão da Universidade Federal da Bahia e serão resumidas logo a diante.

1. ATIVIDADE CURRICULAR EM COMUNIDADE (ACC) BIO 454 - DINÂMICA DE CONSCIENTIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DO LIXO, INSTITUTO DE BIOLOGIA - UFBA²

Um processo de mobilização social

A idéia de unir a ação de um laboratório do Instituto de Biologia da UFBA, o LAVIET (Laboratório de Avaliações Viáveis em Ecossistemas Terrestres), a disciplina ACC BIO 454 no ano de 2002, surgiu como um desafio instigante de levar a prática cotidiana, aspectos teóricos construídos na universidade. Primeiramente os trabalhos praxiológicos foram desenvolvidos na Feirinha da Prefeitura e na Feira Municipal do Município de Camaçari-Ba, e posteriormente no logradouro de Sucupira (zona rural). O projeto foi relacionado ao reaproveitamento dos resíduos orgânicos que são produzidos nas feiras urbanas desta região metropolitana da cidade do Salvador-Ba e respectivamente na sua reutilização via compostagem (transformação do lixo em adubo orgânico). Inicialmente buscou-se difundir o projeto de preservação às comunidades, arregimentando, sempre, personagens que desejassem participar das atividades e também partilhassem de uma visão ecológica da vida. Durante esta tarefa de composição acadêmica e popular do grupo, o composto orgânico foi doado a feirantes que produziam frutas e hortaliças em suas propriedades e as comercializavam nas feiras. A intenção era que a comunidade feirante-campesina retornasse para as comunidades consumidoras com alimentos sem agrotóxicos e também dar o suporte das Ciências Humanas Aplicadas aos estudos referentes à utilização de fertilizantes químicos e orgânicos nos solos de uma determinada parte da região. Este ciclo destinava-se a proporcionar instrumentos que alavancassem a economia da localidade, portanto aumentar a auto-estima dos vários indivíduos (RUSSIO, 1981), tanto quanto colaborar com o LAVIET, núcleo que qualificava biólogos, às diversas agendas sócio-ambientais junto a organizações brasileiras e internacionais; bem como fundamentar os estudos teóricos da Biomuseologia. Desta forma todos os envolvidos “lucravam” com as ações desenvolvidas, os consumidores ganhavam com saúde; os produtores criavam um novo valor agregado a seus produtos, estimulando a demanda financeira e social de suas famílias, o laboratório do Instituto de Biologia construía ciência em sua área específica, mas também dava a sua parcela sócio-ambiental e a UFBA realizando alguns de seus papéis primordiais: criar novos saberes e disseminá-los; consubstanciando a plena democratização das informações às diversas massas.

As atividades utilizaram as diretrizes das disciplinas Educação Ambiental, Sociologia Rural, Direito Ambiental e Antropologia Urbana, criando uma prática de convivência entre as comunidades originárias do meio rurbano (COELHO, 1986). No andamento do projeto

² Projeto coordenado pela Prof. Dra. Josanídia Santana Lima, financiado pela Pró-Reitoria de Extensão da Ufba e Rede Reviver.

aconteceram extramuros e nas Universidades Federal e Estadual da Bahia palestras e seminários com temas ambientais³, em diversas oportunidades acadêmicos, feirantes, campestinos, consumidores e terceirizados da feira municipal sugeriram mudanças na viabilização da proposta (TORO, 1987), fatos preponderantes para realizarmos encontros periódicos, focando elementos preservacionistas e buscando sensibilizar as comunidades com a destinação apropriada dos resíduos⁴. A partir daí procurou-se também valorizar constantemente seus produtos monetários e seus legados culturais (prioritariamente da cultura oral do logradouro de Sucupira, local onde a maioria dos campestinos possui suas pequenas propriedades). Aconteceram várias visitas de campo (laboratório, aterro sanitário, associações, escolas, usina de compostagem e etc.) que tiveram o propósito de articular propostas sócio-administrativas, na gestão dos meios, motivando discussões dialéticas no cotidiano dos trabalhos, conforme tabela 1.

Tabela 1 - Etapas das atividades nas comunidades. Salvador 2002.

Etapas	Descrição das atividades
I	Reconhecimento dos membros da comunidade, observando os personagens e seu perfil diante do olhar coletivo
II	Divulgação do projeto
III	Envolvimento e direcionamento das atividades para uma correta deposição do lixo e produção de fertilizante orgânico
IV	Motivar a auto-estima reconhecendo o processo de valorização das relações entre as comunidades
V	Envolvimento e mudanças visando à gestão sócio-administrativo-financeira

Certamente naquele momento as atividades foram assimiladas a contento por todas as comunidades envolvidas nos procedimentos e metodologias utilizadas. Os grupos participaram interagindo e originando multiplicadores de práticas inerentes a melhoria coletiva (VIOLA & LEIS, 2001) conforme ilustrado na figura 1.

³ CARDOSO, C. S.; PEDREIRA, R.C.O. BIOMUSEOLOGIA - Gestão Social na Universidade Federal da Bahia In: V SEMOC - Semana de Mobilização Científica da Universidade Católica de Salvador, 2002;

CARDOSO, C. S.; PEDREIRA, R.C.O. LIMA, J. S. Feira Nova, Ser Novo – O Processo de Compostagem como Ferramenta de Valorização Sócio-Ambiental. XX Seminário de Extensão da Escola de Educação UFBA, 2002.

⁴ LIMA, J. S. PEDREIRA, R.C.O. Caracterização dos Resíduos Domésticos Produzidos em Camaçari-Ba. Palestra ministrada na Universidade do Estado da Bahia, 2002.

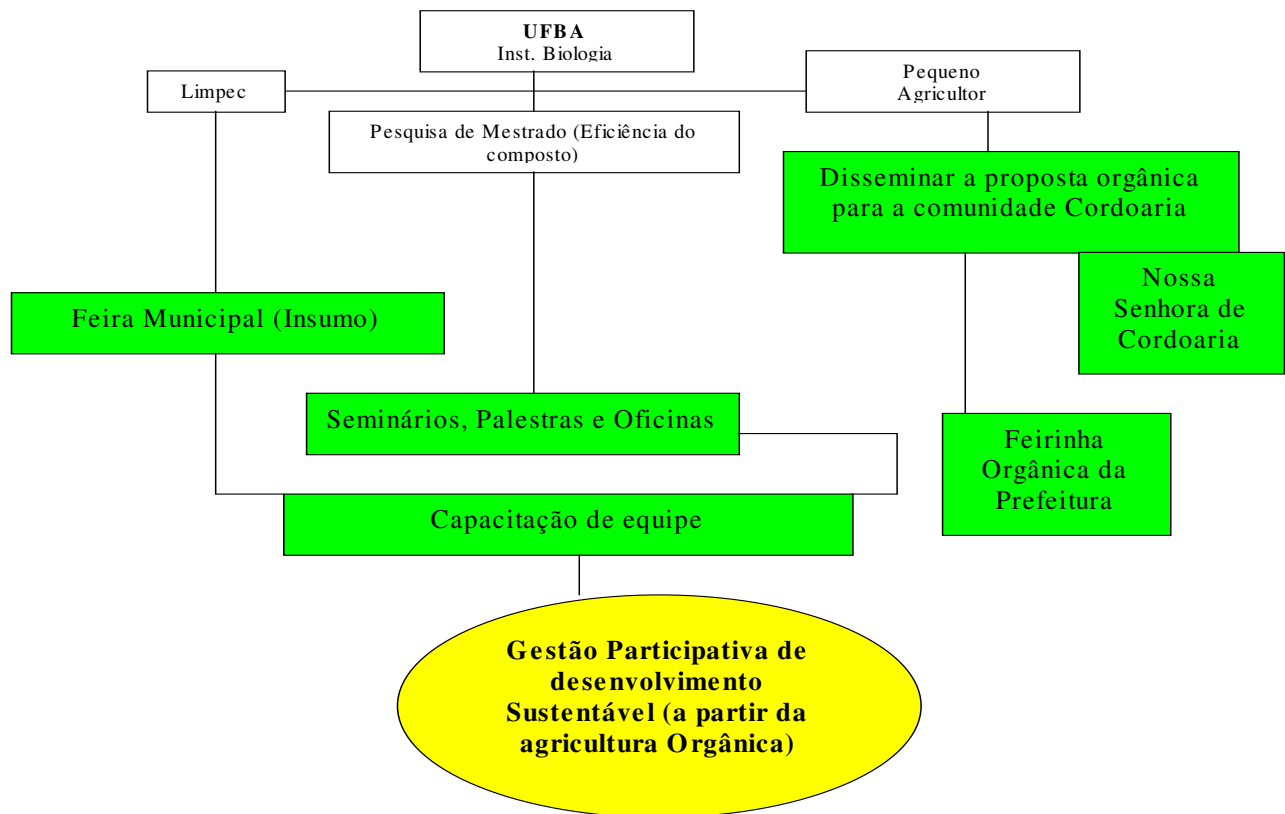


Figura 1 Esferas de ação nas diferentes comunidades. Fonte: Estudos Biomuseológicos 2006.

2. PROJETO GESTÃO SÓCIO-AMBIENTAL DO PET PÓS-CONSUMO (ECOPET) - REDE DE TECNOLOGIAS LIMPAS TECLIM, ESCOLA POLITÉCNICA - UFBA⁵

Os atores sociais da reciclagem

O estudo sistemático do fenômeno social da reciclagem dos resíduos sólidos urbanos em três espaços distintos (Salvador, Camaçari e Feira de Santana) entre os anos de 2003 e 2004, visou entre outros objetivos o conhecimento desta parcela tão distinta da população brasileira. Para tanto foram muitos os desafios em atividades diversas. A etapa inicial do projeto consistiu em uma capacitação envolvendo temáticas a serem abordadas durante toda a proposta. Tomemos como exemplo o município de Camaçari, onde foi feito um trabalho junto à **COOPMARC (Cooperativa de Materiais Recicláveis de Camaçari BA)** através de visitas técnicas a sede da cooperativa, bibliotecas, estabelecimentos comerciais, ruas e avenidas locais; elaboração e aplicação de instrumentos documentais como fichas de acompanhamentos de trabalho de campo, questionários e relatórios; análise, interpretação e sistematização de dados levantados. Dentre os estudos vale destacar o do “Perfil de seus Cooperados”, que levantou o aspecto indivíduo-grupo visualizando para tanto, o entendimento e a prática do cooperativismo nesta organização. Resultado de leituras e entrevistas, o trabalho focalizou (à época) informações relevantes como a origem de seu quadro funcional, composto por trabalhadores oriundos dos mais diversos setores

⁵ Projeto coordenado pela Prof. Dra. Maria de Fátima Nunesmaia, financiado pela FINEP e Empresa BAHIA PET.

que apostam no trabalho associativo para garantir o seu sustento; seu grau de instrução demonstra entre outros fatores que não há presença de analfabetos, trabalho infantil, assim como o não recolhimento de encargos sociais. Pesquisa divulgada em variados espaços de reflexões⁶ serviu de suporte, ainda, para o desenvolvimento de um experimento de Produção mais limpa na organização.

Outro relevante contexto foi o Mapeamento da Coleta Seletiva em Salvador⁷, visto que nos últimos anos o trabalho associativo com materiais recicláveis ganhou maior projeção como alternativa à diminuição de postos de trabalho na cidade, com destaque para algumas entidades que vinham ganhando notoriedade pela forma como ampliaram sua participação no contexto soteropolitano.

Foram visitadas organizações e divididas em duas categorias de análise: “coleta seletiva formal”, realizada pela Prefeitura Municipal de Salvador na figura da COOPCICLA - cooperativa de agentes autônomos de reciclagem, organização que teve origem na desestruturação do antigo lixão de Canabrava, e surgiu como alternativa aos ex-badameiros locais; e “coleta seletiva informal”, realizada por um conjunto de organizações e indivíduos. A ação combinada destas duas formas de coleta (formal/ informal) vem contribuindo de forma significativa para a diminuição do volume de resíduos direcionados ao aterro da cidade.

No decorrer dos estudos foram realizadas visitas técnicas a grupos que coletam materiais recicláveis na cidade através da coleta seletiva informal, sendo selecionadas para acompanhamento quatro organizações que reuniam elementos básicos para o desenvolvimento do trabalho, como dispor de uma sede operacional, estar há pelo menos seis meses em atividade e ter o reconhecimento do poder público enquanto organização. Os grupos escolhidos estão distribuídos em diferentes espaços geográficos e em diferentes classes sociais (baixa e média), possibilitando uma leitura sobre o tema, conforme (Tabela 1) informações disponibilizadas pelas mesmas no referido período.

Tabela 2 – Descrição das organizações participantes

NOME	BAIRRO/ CLASSE SOCIAL	Nº PARTICIPANTES	INSTITUIÇÃO DE APOIO	RENDIMENTO MENSAL	ORIGEM DO RENDIMENTO
I. Recicla Cajazeiras	Cajazeiras (Baixa)	9	IDE	R\$ 150,00*	Bolsa
II. Ação Reciclar	Rio Vermelho (Média)	23	Paciência Viva	R\$ 80,00*	Vendas de Materiais
III. CAMAPET	Cidade Baixa (Baixa)	30	CAMA	R\$ 150,00*	Bolsa
IV. CAEC	S. Rafael (Baixa)	50	PANGEA	R\$ 250,00*	Vendas de Materiais

Fonte: Projeto ECOPET, Salvador Bahia 2004.

Nos levantamentos realizados nas organizações, podemos detectar à época que os indivíduos participantes das cooperativas COOPCICLA e Exclusão Zero foram retirados diretamente do lixão de Canabrava, enquanto que os participantes das outras organizações só

⁶ CARDOSO, C.S.; NUNESMAIA, M.F.; RODRIGUES, C.S.; LIMA, A.F. Estudo do Perfil de Cooperados de Produtos Recicláveis In: Simpósio Luso-Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, ABES 2004, Natal RN.

⁷ CARDOSO, C.S.; NUNESMAIA, M.F.; RODRIGUES, C.S.; LIMA, A.F.; SUZART, L. Materiais Recicláveis :Fonte de Renda Alternativa? In: 3º Congresso Nacional de Meio Ambiente, EXPOGEO, Salvador 2004; CARDOSO, C.S.; NUNESMAIA, M.F.; RODRIGUES, C.S.; LIMA, A.F. Caminhos da Coleta Seletiva em Salvador Bahia In: Seminário Estudantil de Pesquisa,UFBA, Salvador 2004.

passam a trabalhar com o “lixo” a partir da estruturação de uma proposta de trabalho associativo nos últimos dois anos.

Justamente por estarem em pleno processo de inserção no mercado de recicláveis na cidade, buscamos traçar o perfil social dos participantes destas organizações trazendo à luz algumas informações que certamente darão subsídio a posteriores análises sobre esta parcela tão distinta da população.

No que se refere a faixa etária, não foi detectada em nenhuma das organizações a presença de trabalho infantil. A idade média varia em função de características específicas presentes em cada um dos grupos estudados. Note-se que o CAMAPET e o Projeto Recicla Cajazeiras tem como majoritário o grupo com idade entre 15 e 25 anos, enquanto que o Projeto Ação Reciclar possui um maior número de indivíduos com idade mais avançada. No que se refere aos dependentes, é bastante elevado o grupo que não possui filhos. No entanto 52% dos cooperados CAMAPET (em sua maioria jovens) têm um filho. Quanto ao grau de instrução, não há presença de analfabetos, tendo concluído o ensino médio 52% dos cooperados CAMAPET; 33% dos cooperados Ação Reciclar e 22% dos cooperados do Recicla Cajazeiras.

Salvador tem a maior concentração de negros do país. Parte dessas pessoas ainda sofrem com as conseqüências da falta de uma política de integração após a abolição da escravatura. Dados referentes à cor dos cooperados são da seguinte ordem: 100% dos cooperados CAMAPET declaram-se negros; no Projeto Recicla Cajazeiras 54% dizem-se negros, 38% pardos e 8% brancos; quanto aos participantes do Projeto Ação Reciclar não há presença de brancos sendo 50% negros e 50% pardos.

Quando foi perguntado aos cooperados se tinham vontade de mudar de atividade no CAMAPET, 96% responderam negativamente; já no Recicla Cajazeiras 89% responderam que não, contra uma média de 11% que gostariam de mudar de atividade; enquanto que no Ação Reciclar as opiniões dividiram-se em 50%. Em levantamentos externos as cooperativas foram realizadas entrevistas, conversas informais e registro fotográfico com moradores das localidades de Cajazeiras, Rio Vermelho, Cidade Baixa e Vale dos Lagos no intuito de levantar observações sistemáticas dos moradores em sua relação com as referidas cooperativas. Destas informações o que mais chamou atenção foi que em todas elas o percentual dos indivíduos que não conhecem as cooperativas é superior aos que conhecem, ou seja, na região da CAMAPET 87,5% dos pesquisados declaram não conhecer o projeto, contra 12,5%; no Recicla Cajazeiras o índice dos que não conhecem é de 81%; já no Ação Reciclar 66,7% declaram não conhecer o projeto, contra 33,3% que conhecem o projeto.

No entanto, mesmo estes indivíduos declarando não conhecerem o projeto, colaboram doando seus resíduos. Na região do CAMAPET mais de 70% colaboram com a entidade; referente ao Recicla Cajazeiras, 90% doam seus materiais; e 66,7% repassam seus materiais a Ação Reciclar.

Desafios da Gestão e do Protagonismo Social

Tendo por base estas pontuais experiências chegamos a uma breve reflexão ancorada pelo pensamento de Serpa (2001) o qual enfatiza a necessidade de que debruçemo-nos sobre as questões locais, fortalecendo-nos a partir de redes de relações cotidianas que dão vida e dimensão concreta ao lugar, palco privilegiado das mudanças. Deste modo, as multiplicidades dos agentes e iniciativas sociais tornam-se praticamente ingovernáveis nos sentidos tradicionais, a participação comunitária é valorizada desde a concepção de estratégias até o desenho de estruturas, desenvolvimento e avaliação (FISCHER, 2003). Destarte, a preocupação e a gestão social do patrimônio local podem contribuir para a redefinição de práticas relacionadas ao

conhecimento local e global no coletar, armazenar, disseminar e utilizá-lo em função de metas estratégicas, disponibilizando o conhecimento construído através de oportunidades múltiplas e variadas de práticas, projetos e iniciativas em torno de temas e idéias sustentáveis.

O termo patrimônio local conecta-se diretamente à relação de apropriação histórica tanto de legados tangíveis quanto intangíveis presentes em um dado espaço. O alvo é materializar desenhos flexíveis de ação em novas logísticas para a preservação da memória local, do patrimônio ambiental local, tendo por base o cotidiano, condição e lugar da reprodução das relações sociais, onde se delinea uma nova analogia espaço-tempo, que nas palavras de Ana Fani (2001) é constituída de um tempo efêmero e de um espaço amnésico. Ultrapassar o limite estreito da produção do espaço como mercadoria e do cidadão como força de trabalho é algo a ser apreendido, entendido e apropriado como condição de reprodução da vida, no que o grande geógrafo baiano, Prof. Milton Santos, apregouo “para além das redes, entre as redes, com as redes, o espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço, vez que as redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns”.

Adentramos no século XXI, onde conceitos, tecnologias e experiências têm demonstrado que as interações, mediações e articulações entre organizações, indivíduos e comunidades possibilitam uma “simbiose” entre os mesmos. Para tornar esta reflexão bastante transparente, utilizemos este termo advindo das ciências naturais, onde dois ou mais seres de diferentes espécies convivem de forma que a soma dos esforços coletivos superem a soma de esforços individuais (TANIMOTO, 2004). Transplantando este tipo de relacionamento para o campo das Humanas, podemos refletir e então afirmar que a interação social promove a participação direta das vizinhanças em busca das propagações benéficas entre si⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por Uma Museologia Ambiental

Como podemos destacar que a gravidade dos problemas ambientais envolve a um só tempo questões globais e locais, enfatizando também a variação e a relação de escalas que vão da micro a macro preservação de diversidades e biodiversidade? Deveras se torna, portanto irrelevante generalizar e imprimir a atuação *museal* contemporânea com seus formatos pré-concebidos e estagnados, visto que as crescentes demandas da sociedade apontam a necessidade de criação de posturas alternativas. A idéia de que o segmento museológico, especialmente o baiano, encontra-se cindido entre forças conservadoras e modernizadoras que travam uma luta subterrânea e simbólica, revigorada em discursos oscilantes entre o ceticismo e a indagação, tornam opacas respostas à compreensão de inúmeras mazelas da atualidade.

Compactuamos com a idéia de que aspectos como a exclusão e a violência, tanto no contexto urbano como no rural (experimentada na Bahia e no restante do país) não é apenas consequência de políticas públicas parciais e emergenciais, as causas das mesmas também devem ser buscadas nas dinâmicas e deficiências institucionais de longo prazo, indicativo histórico de incapacidade de reflexão não viciosa e dualista.

Aspectos e atores sociais como os aqui apontados, ou seja “o popular”, deve ser alvo da ação museológica, uma vez que o verdadeiro valor sócio-institucional não se limita à atuação espacial congelada (museu-objeto).

⁸ CARDOSO, C. S; PEDREIRA, R.C.O. BIOMUSEOLOGIA – Contemporaneidades, territorialidade, gestões e práticas tecnológicas voltadas à sustentabilidade dos patrimônios – Uma Proposta museológica. Revista Científica SYMPOSIUM. (ISSN 1678-703X) 7ª Ed. VI. 04 n.1 (72-80) Janeiro/Junho 2006.

A atuação ambiental ora desejada encontra, em outros estados brasileiros, diversos seguidores destas amplitudes, como os Ecomuseus, Museus Comunitários, de Vizinhança e Territoriais, os Museus do Lixo e etc, propostas que devem ser estruturadas na inter-relação e retroalimentação de conhecimentos embebidos nas necessidades dos atores sociais, traçando novas perspectivas de um patrimônio inserido num espaço social sistêmico.

REFERÊNCIAS

BARBA, I.S. Valorização do Serviço de Coleta de Lixo: O caso de Navaraí / MS. Dissertação de Mestrado, Brasília DF 2002;

CARDOSO, C.S.; PEDREIRA, R.C.O. BIOMUSEOLOGIA – Patrimônio, Preservação e Cidadania. Uma Discussão Necessária. Oficina ministrada na II Semana de Ciência e Tecnologia na Universidade Estadual de Feira de Santana-Bahia, Novembro 2005;

_____.; PEDREIRA, R.C.O. BIOMUSEOLOGIA – Ferramenta para a Gestão e Inovação Tecnológica na Preservação do Patrimônio Local. 4º Seminário Nacional de Infra-Estrutura, Organização Territorial e Desenvolvimento Local: Território e Desenvolvimento. UNEB; UCSAL: IPPUR/URFJ, no âmbito do PROCAD/CAPES. Salvador, 2005.

_____.; PEDREIRA, R.C.O. BIOMUSEOLOGIA – Preservação da Biodiversidade e da Diversidade no Cotidiano. In: Congresso Nacional de Ciências da Informação, 5, ANAIS/RESUMOS: Salvador, EDUFBA, UFBA, 2004.

CARLOS, A.F.A. O lugar e as Práticas Cotidianas in: GONÇALVES, N.M. S; SILVA, M.A.; LAGE, C.S. (org.) Os Lugares do Mundo a Globalização dos Lugares. Salvador UFBA Dep. E Mestrado em Geografia, 2000;

_____.; Espaço-Tempo na Metrópole. Contexto S. P. ed. 6, 2004;

CHAGAS, M. O Campo de Atuação da Museologia In: *Cadernos de museologia* nº2, Rio de Janeiro, 1994;

FISCHER, T. Gestão Contemporânea, Cidades Estratégicas: Aprendendo com Fragmentos e Reconfigurações do Local. In: Gestão Contemporânea Cidades, Estratégicas e Organização Local. Ed. FGV Rio de Janeiro, 1996;

_____.; Poder Local: Governo e Cidadania. R-J F.G.V. 1999;

_____.; Poderes Locais, Desenvolvimento e Gestão: Introdução a uma Agenda. Marcos Teóricos e Avaliação. Salvador Casa da Qualidade 2002;

LIMA, J.S.: www.laviet.ufba.br ACESSADO: 28/08/2002;

MAGERA, M. Os Empresários do Lixo, Um Paradoxo da Modernidade. Campinas SP, Ed. Átomo, 2003;

MATOS, E.N. As Desigualdades Regionais de Renda Diminuíram? In: Boletim Regional – Informativo da Política Nacional de Desenvolvimento Regional JAN Abril Brasília, 2006;

NUNESMAIA, M.F. Lixo, Soluções Alternativas, Projeções a partir da experiência UEFS. Feira de Santana 1999 Ed. UEFS.

_____.;MELO FILHO, B.; BERNARDES, R. S. Produtos potencialmente recicláveis e seu valor nos resíduos sólidos domiciliares. Anais XXVIII AIDIS, Cancun, 2002;

_____.; LIMA, A. F.; KIPERSTROSK, A. PET Pós Consumo: Uma Proposta de Inclusão Social. In: 22º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, Joinville 2003;

RUSSIO, W. “L´interdisciplinarité en Museologia” MUWOP, nº 2. Ed. Estocolmo: Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM), 1981.

PRIMO, J. Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais – Organização e Apresentação. Cadernos de Sociomuseologia/ nº 15, Págs.189-191; ULHT, 1999; Lisboa, Portugal.

TANIMOTO, A.; KIPERSTROSK, A. Simbiose Industrial: Identificando Oportunidades para a Minimização dos Impactos Ambientais no Pólo Petroquímico de Camaçari. CONGRESSO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE 3 (Anais) EXPOGEO UFBA Salvador, 2004;

SANTOS, M. Por Uma Geografia Nova. USP S. P. 6 ed. 2004;

_____.;Espaço e Método. Nobel São Paulo 1985;

_____.; O Retorno do Território. In: Território Globalização e Fragmentação. _____. Milton (Org.) 2ª ed.HUCITEC /ANPUR São Paulo, 1993;

VIOLA & LEIS, E. J.– Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania. O ambientalismo multissetorial no Brasil para além da Rio-92: o desafio de uma estratégia globalista viável. Florianópolis S.C. Ed. Cortez, 2001.

Agradecimentos: UFBA / TECLIM / LAVIET / GESA / UEFS; COOPMARC; COOPCICLA; RECICLA CAJAZEIRAS; AÇÃO RECICLAR; CAMAPET E EXCLUSÃO ZERO.